

#45 | SETEMBRO | 2013

# BETAR & ARTES & LETRAS

## trienal de arquitetura

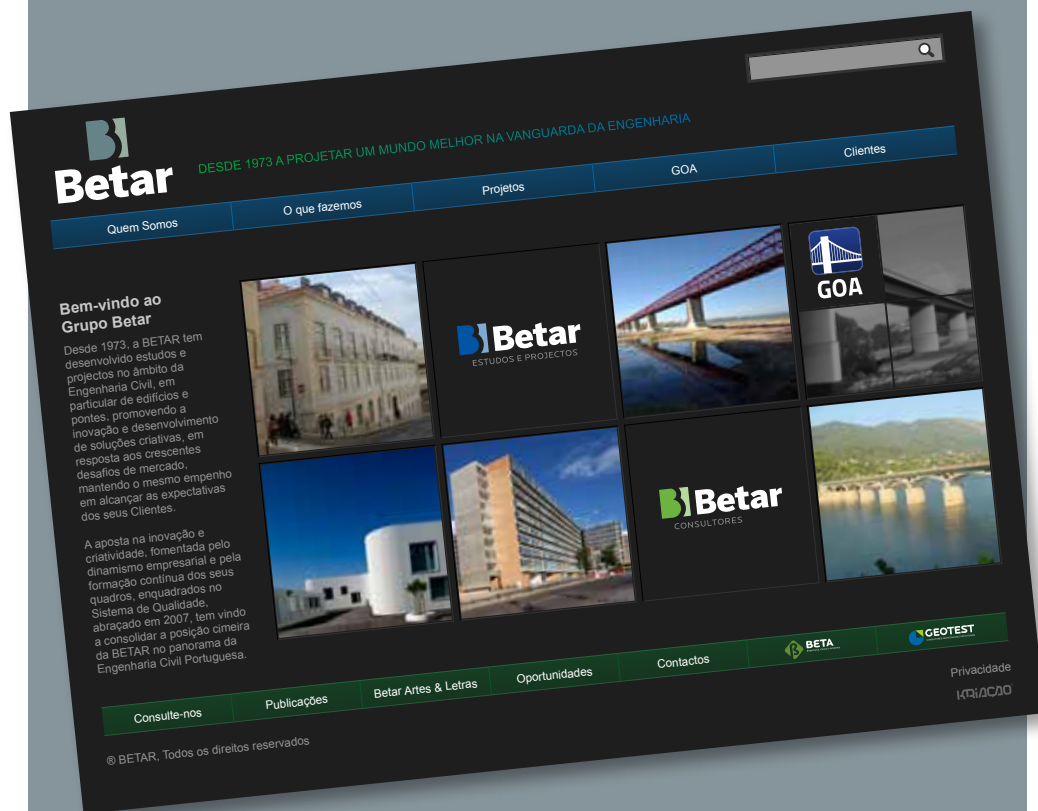
Um grande fórum de debate, reflexão e divulgação

**B**  
Betar

**ENTREVISTA**  
**ARQ. JOSÉ NEVES**

*Um guia cultural, para que não perca o que interessa ver e ouvir.*

# A Betar convida-o a visitar o seu website reformulado



[www.betar.pt](http://www.betar.pt)

## FICHA TÉCNICA

PROPRIETÁRIO E EDITOR: Grupo BETAR  
SEDE: Av. Elias Garcia n.º 53, 2.º Esq. 1000-148 Lisboa  
ADMINISTRAÇÃO: José Tiago de Pina Patrício de Mendonça  
DIREÇÃO: José Jaime Simões de Mendonça  
REDATORA: Cátia Teixeira  
DESIGN: Jonas Reker  
CONTACTO: [arteseletras@betar.pt](mailto:arteseletras@betar.pt)



Passados 4 anos, a Artes&Letras continua a tentar oferecer um pouco de cultura, dar a conhecer um pouco dos seus colaboradores, conceder espaço para opinião e momentos de criatividade e reiterar a garantia de muita dedicação por parte da BETAR.

É nessa base que surge mais uma edição, recheada de propostas para os momentos de lazer.

Em Lisboa, releva-se o “Lisboa na Rua”, com música, teatro, cinema e artes plásticas; e a “Trienal de Arquitetura” e o “Arquiteturas Film Festival”, no âmbito do “Ano da Arquitetura em Portugal”.

Na capital há ainda o concerto de Sei Miguel e Aki Onda; o festival “ERP Remember Cascais”, com Roger Hodgson, José Cid, The Waterboys, GNR, e Opus; e o festival “Caixa Alfama”, com a presença de 40 fadistas.

A outros palcos sobem “A Grande Revista à Portuguesa”, de Filipe La Feria; “O Aldrabão”, uma das melhores comédias de Plauto; o “Auto da Sibila Cassandra”, com texto de Gil Vicente; e “Broadway baby”, um musical de Henrique Feist.

O acervo completo da CAM sobre a obra de Amadeo de Souza Cardoso e 1500 placards de publicidade do século passado são sugestões no âmbito das artes; e mostras de Lichtenstein, Chagall e Estampas Japonesas são as propostas para “Lá fora”.

A entrevista desta edição contou com a colaboração do arquiteto José Neves, vencedor do Prémio Secil; e neste número há ainda um miniconto enviado por um leitor.

Na esperança de poder continuar a manter este projeto, e na certeza de que damos o nosso melhor em tudo o que fazemos, aqui fica o nosso obrigado a todos os que têm colaborado connosco.

JOSÉ PEDRO VENÂNCIO

*‘Uma das poucas certezas que tenho sobre arquitectura é que só devemos destruir ou substituir aquilo que podemos fazer melhor.’*

As convicções do Arq. **José Neves**, vencedor do Prémio Secil. Por Cátia Teixeira



Centro de Artes do Carnaval (projecto em curso)

**Qual é a definição de arquitetura que procura pôr em prática?**

Não tenho nenhuma definição de arquitetura pronta para tirar da cartola, nem faço nenhum esforço nesse sentido. Parece-me que as tentativas para definir arquitetura não podem deixar de ser incompletas e mais ou menos vagas.

Mas sei que o que me estimula sobretudo neste trabalho é a evidência de que quando acrescentamos qualquer coisa ao mundo – chame-se-lhe o que se quiser: pré-existência, contexto, sítio – ele passa a ser uma outra coisa que integra o que lhe juntámos. Ou seja, os limites do projeto de arquitetura nunca são os limites físicos do objeto que projetamos. É por isso que, quando projeto, seja em que situação for, sinto sempre que estou a fazer uma ampliação ou uma reabilitação. Porque há sempre um conjunto muito complexo de coisas, naturais ou artificiais, que já lá estão antes e que temos que decifrar e tornar nossas para com elas lidar – eu gosto de dizer “continuar”. O trabalho dos arquitetos, para fazer sentido, só pode ser



Escola Marquês de Alorna

um trabalho – apetece-me dizer um combate – contra a fragmentação.

**Faz viagens para ver arquitetura?**

É exactamente por a experiência da arquitetura não passar apenas pelo sentido da visão, mas por todos os outros sentidos e pelo encontro – ou o confronto – entre o nosso corpo, as suas dimensões e os seus gestos, e a arquitetura, que é muito importante ir ter com ela para a experimentar.

E também porque só assim é que é possível perceber que esta “continuidade” de que falo pode ser um dos aspetos mais determinantes da arquitectura. Para dar alguns exemplos que me ocorrem neste momento: por melhor que conheçamos os projetos respetivos, nunca conseguiremos perceber o alcance do edifício seminal do Perret da Rua Franklin, sem conhecer de perto a frente uniforme dessa rua e a rutura que ele significa nela; ou o recolhimento e a distância do cemitério do Asplund, sem termos caminhado ao longo dos seus muros e dos seus bosques; ou o acerto das di-

ferenças na configuração, no tratamento e na escala entre os edifícios laterais e o do fundo, do Capitólio de Miguel Ângelo, em Roma, sem termos subido aquela escada rampeada, de preferência ao fim da tarde.

**Hoje, em Portugal, os arquitetos têm de fazer o mesmo trabalho, em metade do tempo e com metade dos orçamentos. Esta situação exige uma nova abordagem?**

O trabalho da arquitetura, por causa dos seus aspetos materiais e concretos e pela sua ligação direta com a sociedade, faz-se sempre com os possíveis, determinados por coisas tão diferentes como a física, a construção, os materiais, o clima, o orçamento, o uso, etc.. Tomar esses possíveis, não como empecilhos do trabalho mas como dados e, na melhor das hipóteses, como estímulos, é uma das coisas mais importantes para nós, arquitectos. Mas estes possíveis tornaram-se muito mais apertados do que eram quando comecei a trabalhar. Os orçamentos nem sempre são hoje metade do que eram - até porque o custo dos

edifícios cresceu -os honorários é que são hoje menos de metade do que há meia dúzia de anos. A falta de tempo para trabalhar é que é verdadeiramente terrível. O projeto de uma coisa é, por natureza, um processo, em muitos aspectos, muito distante da concretização final dessa coisa, e é por isso um processo difícil de tentativa e erro que requer muito tempo. Vamos avançando com hipóteses, perante uma realidade que nunca é simples, que precisam de tempo para ser ponderadas e testadas, para que possam ser as mais acertadas possíveis. Reduzindo os prazos dos projetos (para não falar dos das obras!), a partir de certo ponto, só permite fazer disparates ou, quando muito, tentar repetir receitas, o que também não costuma dar bom resultado. Com os cientistas ou com os poetas não deve ser muito diferente.

**Disse numa entrevista que: “a escola Francisco de Arruda faz parte da memória coletiva de Lisboa, e por isso fizemos tudo para salvar os edifícios na sua integridade original”. Adaptar os espaços aos novos tempos sem os descaracterizar pode ser mais difícil do que fazer uma obra de raiz?** Uma das poucas certezas que tenho sobre o trabalho da arquitetura é que só devemos destruir ou substituir aquilo que podemos fazer melhor. A inovação, como princípio sistemático e absoluto, sempre me pareceu um dispositivo de barbárie, também no que toca ao mundo construído. A memória coletiva a que se refere tem muito a ver com a qualidade da escola que encontrámos, projetada nos anos 50, hoje infelizmente rara, no seu pragmatismo formal e construtivo, presente tanto nos edifícios como na implantação deles sobre a encosta da Tapada. Encontrámos uma obra que fica a

meio caminho, como gostava de dizer Daciano Costa, “entre a vassoura e a catedral”, e perfeitamente adequada aos dias de hoje. Portanto fizemos tudo ao nosso alcance para salvar – tornar viva – essa memória, o que é de facto cada vez mais difícil perante, por exemplo, a panóplia de instalações a que os regulamentos atuais obrigam e que muitas vezes completamente inadequados à nossa realidade. Deve-se dizer, por exemplo, que grande parte das instalações mecânicas de climatização, se encontra neste momento sem funcionar porque os utentes não os consideram necessários ou não têm dinheiro para pagar o seu consumo e a sua manutenção.

**“Crise” não é uma palavra que se possa aplicar ao seu momento atual visto que venceu o prémio Secil com o projeto dessa mesma escola. É inevitável perguntar: que significado tem para si esse reconhecimento?**

A “crise” a que penso que se refere é uma crise do coletivo de que cada um de nós faz parte, e que está muito para lá de ser só uma crise económica, ao contrário do que nos querem fazer acreditar. Parece-me errado e muito perigoso pensar nesta crise como um somatório de crises individuais que se podem ir resolvendo uma a uma, dependendo da maior ou menor sorte de cada um ou do seu “empreendedorismo”, como se diz agora. Antes de sermos arquitetos, ou outra coisa qualquer, somos cidadãos, não é? O prémio Secil é um prémio maravilhoso, que me dá imenso prazer, orgulho e alento para continuar a trabalhar e tentar fazê-lo cada vez melhor, mas, por muito importante que seja, não pode acabar, infelizmente, com crise nenhuma.

Um acervo inteiro em exibição no CAM e placards de publicidade do século passado, pintados à mão, são as nossas sugestões da para o fim do verão. Não deixe de ir

GULBENKIAN

## Sob o signo de Amadeo. Um século de arte

Até 19 de Janeiro

No ano em que comemora o trigésimo aniversário da sua abertura ao público, o Centro de Arte Moderna apresenta o melhor da sua coleção, numa grande mostra com obras de 1910 até aos dias de hoje. Com o título “Sob o signo de Amadeo. Um século de arte”, inúmeras obras do artista Amadeo de Souza Cardoso vão ocupar todas as salas do CAM, reunindo uma vasta e criteriosa escolha daquela que é considerada a mais significativa coleção de arte portuguesa do século XX. Pela primeira vez, será apresentado o acervo completo de Amadeo de Souza-Cardoso, o grande pioneiro do modernismo em Portugal, e uma das grandes referências da Arte do século XX, cuja pintura se articula com movimentos como o cubismo o futurismo ou o expressionismo, atingindo um nível em tudo equiparável à produção de topo da arte internacional sua contemporânea.



MUSEU BERARDO

## O Consumo Feliz, publicidade e sociedade no século XX

Até 27 de Outubro

Reunindo um conjunto de cerca de 1500 exemplares, a Coleção Berardo de Arte Publicitária, exclusivamente constituída por matrizes originais pintadas à mão – única no mundo –, cobre rigorosamente todos os aspetos da vida quotidiana ocidental, de 1900 a 1980. Da moda ao automóvel, da aviação à alimentação, do turismo à música, da decoração de interiores ao cinema, sem esquecer o doloroso período das duas Guerras Mundiais, é todo o século XX que se desenrola sob o nosso olhar, formal e plasticamente notável, e fonte inesgotável de um dos mais notáveis movimentos artísticos do século XX, a Pop Art.

Estes originais destinados à reprodução em larga escala através de processos mecânicos, constituem o acervo da prestigiada firma James Haworth & Company, uma das principais produtoras de publicidade do Reino Unido.

2013 foi declarado o 'Ano da Arquitetura em Portugal.' Em Lisboa, a Trienal de Arquitectura e o Arquitecturas Film Festival são os eventos que celebram esta nomeação



## Cinema: Arquitecturas Film Festival Lisboa

Entre 26 e 29 de Setembro - Cinema City Classic Alvalade

O cinema e a arquitetura já têm um festival. O "Arquitecturas Film Festival Lisboa" é o primeiro festival internacional da Península Ibérica de filmes documentais e ficcionais sobre o tema da arquitetura. A iniciativa, que pretende ser interdisciplinar e aberta, visa explorar as relações entre a produção audiovisual e a arquitetura, bem como ser um ponto de partida para a criação de novos projetos, para a troca de experiências e para a captação da atenção nacional e internacional para o que temos de melhor em Portugal nas duas áreas.

O festival - que também tem como objetivo influenciar o turismo nacional e procura mostrar que a arquitetura desempenha um papel de destaque no nosso quotidiano, sendo uma importante parceira em qualquer tipo de criação cultural - é destinado a profissionais da área de arquitetura, realizadores e produtores de cinema, pessoas ligadas ao audiovisual, designers e curiosos... O programa do festival irá apresentar documentários, ficções, filmes experimentais e animações com relevância para a divulgação da obra arquitetónica portuguesa contemporânea ao nível nacional e internacional.



## Trienal de Arquitectura de Lisboa: Close, Closer

De 12 de Setembro a 15 de Dezembro

A Trienal de Arquitectura de Lisboa é uma plataforma fundamental para a pluralidade da prática espacial contemporânea que pretende investigar, dinamizar e promover o pensamento e a prática em arquitetura, realizando a cada três anos um grande fórum de debate, reflexão e divulgação que cruza fronteiras disciplinares e geográficas.

A 3ª edição vai, ao longo de três meses, explorar as múltiplas possibilidades da produção arquitetónica, através de exposições experimentais, eventos, performances e debates por toda a cidade.

"Close, Closer" apresentará três exposições,

um programa público, uma série de publicações digitais, um prémio para estudantes, um Prémio Début para jovens arquitetos e um Prémio Carreira. Esta edição criou também um novo tipo de concurso, o "Crisis Buster", que concede bolsas a equipas que apresentem ideias de projetos, a curto ou a longo prazo, para Lisboa.

Os eventos e exposições vão apresentar a arquitetura como uma disciplina que não é exclusiva a profissionais ou definida apenas por edifícios, mas sim como um campo em expansão, com a qual sociólogos, cientistas, curadores e artistas estão envolvidos de forma dinâmica.

Em Setembro, Lisboa recebe mais um evento cultural de peso. Transversal a várias artes, o “Lisboa na Rua” oferece propostas variadas em espaços ao ar livre, bem adaptados para o efeito

**S**erá ainda sob a luz de verão que o “Lisboa na Rua” ganhará uma vez mais a cidade, acrescentando-lhe o valor das emoções partilhadas e das complicidades indizíveis. Eis um convite irrecusável para seguir uma programação feita de pequenos momentos e de grandes praças, de música para ver e teatro para ouvir, de viagens que transportam a cidade no dorso, de cinema projetado a céu aberto, de museus convertidos em jardins”.

O festival “Lisboa na Rua” redescobre a cidade, atribuindo um novo significado aos espaços públicos da capital. Espetáculos de jazz, música clássica e percussão, exibição de filmes, teatro de rua, instalações de arte urbana e intercâmbios multiculturais são as propostas para o mês de Setembro. As quintas-feiras

às 19:00, há concertos de orquestras de jazz em diferentes pontos da cidade (“A Arte da Big Band”), enquanto todas as sextas-feiras (às 18:00) e aos domingos (17:00), apela-se à descontração, ao som da melhor música nos locais privilegiados da cidade, como o Terreiro do Paço, o Parque Eduardo VII ou o corredor verde de Monsanto, no âmbito do “Meo OutJazz”. O cinema também volta a marcar presença através do “Fitas na Rua”. Bairros, ruas e jardins transformam-se em salas de cinema improváveis e antigas salas reabrem transformando-se de novo em cinemas. O programa inclui filmes de diferentes épocas e nacionalidades. O Cinema Capitólio, no Parque Mayer, encerra o ciclo com o filme “Serenata à Chuva”, de Stanley Donen, numa noite que inclui também música ao vivo e um baile.



## Orquestras de Jazz

### A ARTE DA BIG BAND

**Dia 5** Tora Tora Big Band, no Parque das Conchas

**Dia 12** Orquestra de Jazz do Hot Clube de Portugal, no Largo de São Carlos

### MEO OUT JAZZ

**Dia 1** Small Trio + Glue, no Jardim da Tapada das Necessidades

**Dia 6** - Anthony John Quartet+ Fresh Fred, no Corredor Verde de Monsanto

**Dia 8** Brass Wiress Orchestra + Vitor Silveira, no Jardim da Tapada das Necessidades

**Dia 13** Duo Ricardo Pinto+ Daniel Newson + Mute, no terraço do Hotel Mundial

**Dia 15** Lokomotiv + Switchst (D)ance, no Jardim da Tapada das Necessidades

## Festival de Cinema

### FITAS NA RUA

**Dia 1** A rosa púrpura do Cairo, de Woody Allen, na Alameda Afonso Henriques

**Dia 7** Cinema paraíso, de Giuseppe Tornatore, na Rua Josefa (Bairro Estrela d'Ouro – Graça)

**Dia 8** O Homem da Manivela, de Edward Sedgwick, Buster Keaton, na Rua dos Sapateiros (Arco da Bandeira)

**Dia 14** Serenata à chuva, de Stanley Donnen, no Parque Mayer

## Quarteto de Percussões da Metropolitana

### CLÁSSICOS NA RUA

**Dia 1** Esplanada do Parque Eduardo VII

**Dia 8** Ribeira das Naus - Agência Marítima Europeia

**Dia 15** Largo da Estação do Rossio

## Arte Pública

### VICENTE'13 ... Dito e Refeito!

**Dia 3**, às 19 horas - Apresentação da 3ª edição de VICENTE com conversa com os artistas Régis Perray e Xana, no Institut Français du Portugal

**Dia 7**, às 18 horas - Inauguração da Exposição “La decouverte du Portugal”, de Régis Perray (França) e “Lux Gloriosa”, de Xana (Portugal), na Ermida N.ª Sr.ª Da Conceição

**Dia 8**, às 16 horas - Conversa com os artistas Régis Perray e Xana, na Ermida N.ª Sr.ª Da Conceição

## Teatro de Rua

### A VIAGEM DO ELEFANTE de José Saramago

**Dias 14 e 15**, às 19 horas, na Praça do Município

Depois do “boom” dos festivais de verão, o Fado e a dança ganham destaque na A&L. Voltam também as propostas clássicas de António Cabral, após a pausa de verão



### Sei Miguel Unit Core e Aki Onda

Dia 17 às 22h no Teatro Maria Matos

CONCERTO

Em 2008, Sei Miguel, compositor e trompetista português, e Aki Onda, artista plástico e sonoro japonês, cruzaram as suas linguagens pela primeira vez num singelo concerto no Museu do Chiado. A intimidade deste encontro enfatizou a beleza dos mundos dos dois compositores. No reencontro, agora com Unit Core, revisitam “Casas de Orfeu”, peça do trompetista, datada de 2009.



### ERP Remember Cascais

Dias 6 e 7 no Hipódromo Manuel Possolo, em Cascais

FESTIVAL

O Festival ERP Remember Cascais está de volta para celebrar a década de 80. Cascais vai receber grandes nomes da música e ainda os DJ's da rádio M80. Roger Hodgson (a voz dos Supertramp) e José Cid & Big Band sobem ao palco no dia 6 e os The Waterboys, GNR, e Opus e são os nomes confirmados para o dia 7. O encerramento está a cargo dos DJ's Nelson Miguel e Miguel Simões, numa Festa M80.



### Caixa Alfama

Dias 20 e 21 no Museu do Fado, Palco Caixa, Pavilhão Arena, Sociedade Boa União, Clube Sportivo Adicense, Igreja de São Miguel, Igreja de Santo Estêvão, Centro Cultural Dr. Magalhães Lima, Largo das Alcaçarias

FESTIVAL

A Caixa Geral de Depósitos e a Música no Coração vão reunir 40 dos melhores intérpretes do Fado no bairro de Alfama. Um festival inovador, que conta com a prestação de Ana Moura, Camané, António Zambujo, Aldina Duarte, Cuca Roseta e Gisela João...



### Utopía

Dia 21 de Setembro às 21h30 na Culturgest

DANÇA

“Utopía” é a mais recente criação de María Pagés. Inspirada na obra de Oscar Niemeyer, é um espetáculo de flamenco onde sete bailarinos interpretam poemas de Baudelaire, Benedetti, Neruda, Machado, Lerbi El Harti, D. Quixote de Cervantes e do próprio Niemeyer. Os vestidos lindíssimos e a música original e tocada ao vivo completam um cenário deslumbrante.



## Concertos em setembro

por António Cabral

O Grande Auditório da Gulbenkian está fechado para Obras\*. É uma limitação à Programação desta Instituição até Março de 2014. Mas apesar disso há Música para fruir: Destacamos, neste Prólogo, o Concerto dedicado ao compositor Francês Francis Poulenc (1899-1963), a Oratória do nosso compatriota Pedro António Avondano (1714-1782), o Cantabile Festival (Patrocínio do Goethe Institut) e o Concerto do Ano Brasil.

### FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

6/9 às 21,30 horas (Teatro Municipal Joaquim Benite em Almada)

Orquestra Gulbenkian e o Maestro Samuel Bargesian.

Programa; Joly Braga Santos, Samuel Barber, Tchaikovsky e W.A. Mozart.

13/9 às 21 horas (Basílica de Mafra) (Entrada Livre)

Coros Juvenis, Coro e Orquestra Gulbenkian e o Maestro Paul Mc Creech.

Programa; D. Scarlatti, Telemann, J. Sebastian Bach e Anton Bruckner.

Programa de muita qualidade. Vale bem a deslocação a Mafra (e só gasta a gasolina/gasóleo).

### TEATRO NACIONAL DE S.CARLOS

13/9 às 21,00 horas na Sala Principal

Orquestra Sinfónica Portuguesa; Coro do T.N.S.C.; a soprano Sara Braga Simões; os pianistas Paulo Oliveira e Daniel Cunha; Dir. Pedro Neves.

Programa Poulenc: a música do Bailado “Les Biches”, o “Concerto para 2 Pianos e Orquestra” e a “Glória” para solistas Coro e Orquestra (Concerto, sinceramente, a não perder).

28/9 às 18,00 horas no Salão Nobre

Orquestra Sinfónica Portuguesa com Maestro e Solistas Portugueses.

Programa: Um Concerto para Instrumentos

de Sopra e uma Ària de W.A. Mozart; uma Ària de um Compositor Português; uma peça para Orquestra de características Neo-Clássicas.

### ORQ. METROPOLITANA DE LISBOA

23/9 às 17 horas no Grande Auditório do CCB

Cantabile Festival (Patrocínio do Goethe Institut) Orquestra Metropolitana de Lisboa; Dir. Sebastian Manz. No Programa Beethoven, Mozart e Mendelssohn.

30/9 às 18 horas no Cinema S. Jorge

Ano Brasil em Portugal

Orquestra Metropolitana de Lisboa; Dir. Cesário Costa. No Programa só Compositores Basileros (e dos melhores): Camargo Guarnieri, Ney Rosauero, Clarisse Assad, Heitor Villa-Lobos e César Gerra Peixe (se não conhece Música Clássica Brasileira, não perca).

### CENTRO CULTURAL DE BELEM

7/9 às 21 horas (Grande Auditório)

Orquestra XXI (formada por músicos portugueses a actuar no Estrangeiro); Susana Gaspar (s.) e Dir. Dinis Sousa. No Programa Manuel Durão (obra nova), Lopes Graça (Poema de Dezembro), Mahler (Rukert Lieder) e Brahms (Sinfonia nº 1).

21/9 às 21 horas e 22/9 às 17 horas (Pequeno Auditório)

A Oratória “Gioas, re di Giuda” (1763) (dividida pelos 2 Concertos) de Pedro António Avondano com libreto do celeberrimo (na época) Pietro Metastasio (1698-1782). Cantores Solistas, o Ensemble Divino Sospiro e Dir. Massimo Mazzeo.

\* Era eu jovem Engenheiro da Firma construtora quando, em 1963, assisti e colaborei na construção do conjunto de Edifícios da Gulbenkian. Ai conheci os Arqs. Pessoa, Pedro Cid e Jervis Atouguia, autores do Projecto. Com o Arq Atouguia a Betar (e eu) viriamos a colaborar em todos os seus Projectos.

Este mês está bem recheado de peças de teatro. Uma são mais populares, outras fazem renascer grandes dramaturgos. Mas todas elas têm o propósito de nos fazer viajar



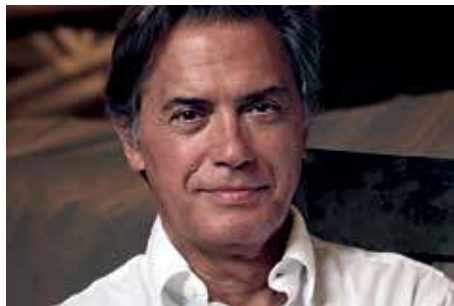
## A Grande Revista à Portuguesa

Este ano o Teatro Politeama vai comemorar 100 anos de existência e para assinalar este facto, Filipe La Féria propõe apresentar a “Grande Revista à Portuguesa”.

Vinte anos depois de La Féria revolucionar o teatro musical com o histórico “Passa por mim no Rossio”, irá voltar a este género tão querido do público português com um musical que passará em revista toda a atualidade do nosso país com crítica mordaz, humor, música e coreografias, numa produção que ficará na memória de todos. “A Grande Revista à Portuguesa” homenageará o género mais genuíno do nosso teatro num espetáculo que revisitará o humor e a arte de ser português e convidará os espectadores a embarcar numa viagem ao Portugal de hoje com todos os seus “heróis”, fantasmas e hilariantes situações e equívocos, proporcionando uma noite de gargalhadas.

### Teatro Politeama

A partir de 19 de Junho. Encenação: Filipe La Féria  
Interpretação: João Baião, Marina Mota, Vanessa, Maria Vieira, Ricardo Castro e Rui Andrade, e a participação de Herman José, Maria Rueff, Anabela, Fernando Mendes, Joaquim Monchique entre muitos outros.



## O Aldrabão

“Pseudolo” (título original desta peça), considerada uma das melhores comédias de Plauto, para alguns a sua obra-prima, é um dos textos centrais da dramaturgia ocidental. O tema da separação e do reencontro dos apaixonados é abordado nesta comédia de enganos, repleta de mal-entendidos e trocadilhos. A ação tem lugar numa rua de Atenas e centra-se na personagem do escravo Pseudolo e na forma como engana um proxeneta para lhe roubar uma cortesã, amada pelo seu amo, que estava destinada a um soldado. As suas trapaças, a forma como humilha os poderosos e a falta de escrúpulos e vergonha servem para enaltecer esta personagem e o triunfo dos escravos. Um clássico que ajuda a ler o mundo em que vivemos, a realidade atual e as contradições dos tempos na voragem das mudanças sempre esperadas.

### Teatro Nacional D. Maria II

De 17 de Outubro a 17 de Novembro. Encenação João Mota. Interpretação Carlos Vieira de Almeida, Fernando Gomes, João Ricardo, Miguel Costa, Miguel Raposo, Rui Mendes, Rui Neto, Virgílio Castelo

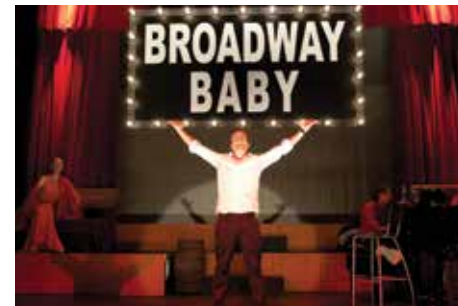


## Gil Vicente: Auto da Sibila Cassandra

Cassandra, no auto de Gil Vicente, é uma pastora que renuncia ao casamento e recusa os amores do Pastor Salomão. Fugindo aos conselhos das suas três tias (as sibilas Erutrea, Peresica e Cimeria) e dos tios de Salomão (Moisés, Abraão e Isaías) confessa que quer renunciar ao casamento porque sabe que Deus vai reincarnar numa virgem e que ela própria será a eleita. As tias confirmam, os poetas escandalizam-se e enquanto se gera a confusão abrem-se as cortinas do teatro para descobrir a Virgem Maria e seu filho que nasceu. Todos acorrem ao presépio para adorar o deus menino. “O Auto da Sibila Cassandra” é um notável exemplo da habilidade com que Gil Vicente combina as fontes mais heterogéneas dando-lhes uma unidade intelectual e dramático. Uma divertida sátira moral, misturada com intriga doméstica e cenas religiosas.

### Teatro da Cornucópia

Dias 27 e 28 Setembro. Versão e direcção Ana Zamora. Interpretação Sérgio Adillo, Elena Rayos, Carlos Segui, Juan Pedro Schwartz e Alejandro Siguenza



## Broadway baby

Na zona oeste de Nova Iorque, sensivelmente a partir da rua 42 e quase até ao Central Park, os teatros sucedem-se, com os seus cartazes luminosos – é a Broadway. Através de canções dos maiores compositores da Broadway (Cole Porter, George Gershwin, Irving Berlin, Jerome Kern e Richard Rodgers) Henrique Feist, acompanhado ao piano pelo irmão Nuno Feist, conta como ganhou forma o musical americano. Na verdade, a Broadway existe cada vez que uma pessoa assobia “Night and Day” ou “I’ve Got You Under My Skin”; quando vemos filmes como “West Side Story”, “Hair” ou “Dreamgirls”; quando ouvimos discos do Frank Sinatra, da Barbra Streisand ou da Liza Minnelli. A Broadway existe porque há sonhos que de tão grandes que são não cabem em mais lado nenhum. A Broadway, mais que uma zona da cidade de Nova Iorque, é um estado de espírito.

### Teatro Armando Cortez

Sextas e Sábados até 14 de Setembro. Interpretação: Henrique Feist. Música: Nuno Feist



## LIVROS

Porque gostamos de inovar, desta vez temos dois livros e um miniconto como propostas de leitura. Aqui ficam os nossos agradecimentos ao autor do conto, João Ventura



Manuel Arouca

### *Filhos da Costa do Sol*

**F**ilhos da Costa do Sol” é o retrato impiedoso de uma geração inquieta mas cheia de romantismo e ideais. A obra desvenda, sem complexos, os grandes temas do pós 25 de Abril: famílias dissolutas, sexo, droga e novos valores. Uma história de amor e morte passada nos dias agitados que se seguiram à revolução, que revela a vida despreocupada da Costa do Estoril e o confronto com uma sociedade fechada e os seus preconceitos. “Filhos da Costa do Sol” foi agora reeditado, 30 anos depois da publicação do clássico que vendeu mais de 100 mil exemplares desde que saiu, em 1984. É o regresso do best-seller de Manuel Arouca, escritor, roteirista e produtor que escreveu também a novela “Jardins Proibidos”, a obra “Deixei o Meu Coração em África”, que vai já na sua décima edição e, mais recentemente, “O Anjo Surfista”.



Arturo Pérez-Reverte

### *O Cemitério dos Barcos Sem Nome*

**U**m marinheiro sem barco, desterrado do mar, conhece uma estranha mulher, que possui, talvez sem o saber, a resposta a perguntas que certos homens fazem há séculos. Arturo Pérez-Reverte, o autor espanhol contemporâneo mais lido no mundo inteiro, leva-nos, na companhia de Coy e Tanger, à procura do Dei Gloria, um bergantim que há mais de 200 anos repousa nas águas profundas do Mediterrâneo. De Barcelona a Madrid, de Cadiz a Gibraltar, ao longo das costas de Cartagena, o objectivo é sempre um tesouro fabuloso, que talvez contenha a resposta a um dos grandes enigmas da história de Espanha. Nunca o mar e a História, a aventura e o mistério, se tinham combinado de um modo tão extraordinário. De Melville a Stevenson e Conrad, de Homero a Patrick O’Brian, toda a grande literatura escrita sobre o mar lateja nas páginas desta história fascinante e inesquecível.

## CONTO



João Ventura

### Um Amor Urbano

**O** Arquitecto amava a cidade. Ela tinha nascido na sua cabeça, com os primeiros esboços no monitor do seu computador, os planos de pormenor produzidos no seu atelier, e quando os primeiros edifícios começaram a nascer dos alicerces entretanto abertos, o Arquitecto era visita frequente do gigantesco estaleiro onde milhares de operários trabalhavam, fazendo nascer a cidade que ele tinha imaginado.

Nos primeiros anos tinha sido um amor correspondido. Quando percorria as longas avenidas arborizadas, quando deambulava pelas praças cheias de sol, quando as pessoas se cruzavam com ele e o cumprimentavam afavelmente, ele sentia-se amado pela cidade.

Mas com o passar dos anos, começou a sentir que esse amor estava a deixar de ter resposta. A profunda alteração de uma praça para alojar um descomunal hipermercado, o abate das árvores para instalar faixas de rodagem numa avenida pedonal, críticas nos meios de informação às suas concepções arquitectónicas e urbanistas...

Até que surgiu a gota que fez transbordar a taça: contra o seu parecer fundamentado, o Conselho Municipal tinha aprovado a construção de uma nova urbanização periférica. O autor da proposta era um seu feroz opositor na Guilda dos Arquitectos, e a urbanização projectada em estilo neo-moderno iria ser esteticamente revoltante ao lado de uma cidade concebida e construída segundo os cânones do estilo medieval renovado.

O Arquitecto soube que tinha atingido o ponto de não retorno. A cidade, que tinha sido o amor da sua vida, tinha-o traído. Mas ele iria castigar essa traição.

Conhecia de cor as galerias técnicas que, como um sistema vascular, percorriam o subsolo da cidade. Como chefe dos serviços de urbanismo, que ainda era, tinha também acesso ao paiol dos explosivos de alta potência utilizados nas grandes obras de construção. Enquanto a nova urbanização ia tomando forma, ele foi pacientemente minando as fundações dos edifícios emblemáticos da sua cidade, a sede do município, o grande salão de reuniões, a universidade, as escolas, o hospital...

E a meio da inauguração da nova urbanização, uma série de fortes explosões sacudiu a cidade. O colapso dos edifícios levantou uma enorme nuvem de poeira; e quando o pó assentou, ouviam-se sobre os escombros as gargalhadas do Arquitecto, enlouquecido após assassinar a sua amada...

Lichtenstein e Chagall são dois marcos da pintura mundial. Como tal, não poderíamos deixar de fazer referência às exposições a eles dedicadas em Paris. Não perca



### Centro Pompidou, Paris Roy Lichtenstein

Até 4 de Novembro

Reconhecido como uma das “estrelas” do movimento, Roy Lichtenstein foi visto como um artista pós-moderno embora, nos últimos anos da sua carreira, se tenha tornado quase um pintor de tradição. Em 1972, aos 49 anos, o mestre da pintura americana já era identificado como um dos principais membros do movimento pop: um experimentador, inventor de ícones, um estudioso amador da pintura moderna. O Centro Pompidou dedica-lhe uma retrospectiva, através de uma seleção de pinturas, esculturas e gravuras que ilustram a sua incrível inventividade técnica através de um corpus esculturas exclusivas, estampas, esmaltes, cerâmicas, plásticos.

Grand Palais, Paris

### Chagall em frente ao espelho

Até 17 de Outubro

Por ocasião do quadragésimo aniversário, o Grand Palais dedica, a Marc Chagall, uma exposição, maioritariamente composta por auto-retratos. Com cerca de uma centena de obras, pinturas e desenhos, muitos inéditos, a exposição aborda todos os aspetos da produção do artista surrealista, permitindo o acesso privilegiado à verdade de Chagall e ao significado da sua obra.



### Museu do Prado, Madrid Estampas japonesas

Até 6 de Outubro

A exposição começa com impressões datadas do final do século XVII. Torii Kiyonobu imprime em tinta preta num bloco de madeira e Ishiwaka Toyonobu utiliza tinta de cor em dois blocos de madeira. Já entre 1770 e 1780, Katsukawa Shunsho utiliza a técnica de impressão de várias cores. O Kansei, um dos destaques da gravura japonesa, também está presente na mostra, através de artistas como Kitagawa Utamaro Edo, Kubo Shunman e Katsushika Tenjin. E o início do século XIX está representado por Katsukawa Shuntei, Yoshiwara Eizan Kikugawa e Utagawa Hiroshige.

Em Setembro a oferta ao ar livre é enorme e eclética...no Porto, claro! Eis as propostas de Maria João Duarte

### Vários

“**VARANDAS 2013**”: as varandas passam a ter funções diferentes e transformam-se em palcos ou cenários (dia 6, na R.de Miragaia, às 22h: Teatro “Hostel” e às 23h: Baile de música tradicional europeia). “**ENTRE MARGENS**”, na Pç da Liberdade, das Cardosas e Lg dos Lóios: os centros históricos de várias cidades da Região do Douro unem-se em torno de um projeto de intervenção artística (até 30, ent. livre). “**OPTIMUS D'BANDADA**” em vários locais, com Blaya, Tape Junk, Ciclo Preparatório, Voxels, Awsum, Little Friend, Pedro Puppe, Ninja Kore, entre outros (14). “**PORTO SUNDAY SESSIONS**” Pq da Cidade, jardins S. Lázaro e Passeio Alegre (16h às 20h) com Manuel Fúria, djset (8), Djsistema (15), Groovelicious (22), Sininho (29). “**SCOOTER PARADE**”, Queimódromo (21, 10h-18h). “**CONQUER RACE”K**”, cada participante irá enfrentar 20 obstáculos em 8km na Via do Castelo do Queijo, Av. Boavista, Paq da Cidade, Queimódromo e Praia: (21). “**CONCERTOS ACUSMÁTICOS**” no Torreão do edifício AXA, Av. Aliados (até 28 6ªf e sáb.: 21h30, 22h e 22h30, ent. livre, 15 pessoas). “**THE COLOR RUN**”, um banho de cor enquanto se corre! (28 às 16h). **PERCURSOS PATRIMÓNIO PORTO** - “Arte Pública: uma galeria de esculturas e escultores”, início Pç Liberdade junto da estátua de D. Pedro IV (18 às 14h30). “**PEDALAR CONTRA O LINFOMA**” Pq da Cidade, entrada Sul (8). “**5ª EDIÇÃO BRIDES PARADE PORTUGAL**”, Café Guarany - Av. Aliados (22). “**FEIRA DO JECO**” concertos e exposição no Passeio das Virtudes (28 e 29). “**ARRAIAL**” com Dead Combo no Mosteiro S. Bento da Vitória (27 a 30).

### Música

**CASA DA MÚSICA**: “Orquestra XXI” (5); “Orquestra Jazz Matosinhos” (6); “JazzNova DJ” com Alex Barck (7); “Prémio Jovens Músicos/Antena 2” (10); “Concerto para Violino e Orquestra de Mendelssohn” (13); “Éxtase”, concerto para violino (13); “Capricho de Domingo” de Puccini (15); “Quarteto para Arcos” (17); “Concerto para Piano e Orquestra de Bartók” (20); “As Quatro Estações de Vivaldi” (21); “Let’s get Physical: Retrokitsch Bodytalk”, com Álvaro Costa (21); “Ligações Perigosas, Ópera em 13 cenas” (24); “Arcadi Volodos” (26); “A Paleta do Artista” (28); “Ofício Divino” (29); “Quarteto Ruggeri” interpreta Gaetano Donizetti e “Orquestra de 100 Flautas e 100 Saxofones” (1 out). **TEATRO DO CAMPO ALEGRE**: “Frankie Chavez em acústico”, blues (28). **COLISEU**: “The Voca People” (3 out). **ARMAZÉM DO CHÁ**: “Moon Duo” (25). **TEATRO DO CAMPO ALEGRE**: Márcia (26). **CASA DO INFANTE**: “À descoberta das tradições Portuguesas” (29)

### Teatro, Dança, e...

**TEATRO N. S. JOÃO**: “Boris Yeltsin”, com o encenador Nuno M Cardoso e o dramaturgo Mickaël de Oliveira (4 a 6 out), “Os Negócios do Senhor Júlio César”, romance inacabado de Bertolt Brecht (13 a 29). **TEATRO DO CAMPO ALEGRE**: “A Carne do Poema”, leituras por Valter Hugo Mãe, Filipa Leal, Júlio Resende (piano solo), Cascas d’Ovo, Dead Combo & Márcia, entre outros (26). **BIBLIOTECA PÚB. MUNICIPAL**: “Eugénio de Andrade: escrita, lugares e afetos” (até 15). **GALERIA DAMA AFLITA**: “Tardos e Piopardos” (até 14). **TEATRO HELENA SÁ COSTA**: “Inferno”, dança (até 6) e “Homenagem a João Villaret” (24). **TEATRO CARLOS ALBERTO**: “Corrente Alterna”, teatro, dança, circo e performance. (12 a 22).



# Betar

DESDE 1973 NA VANGUARDA  
DA ENGENHARIA

ALGUNS TRABALHOS CONJUNTOS  
COM O ARQ. JOSÉ NEVES  
ESCOLA FRANCISCO DE ARRUDA